

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

THE IMPORTANCE OF LITERATURE IN THE CHILDREN'S FORMATION

Alex Rezende **HELENO**¹

Resumo: O presente trabalho visa analisar a importância do ensino de literatura na Educação Infantil e no Ensino Fundamental a partir de uma reflexão acerca das propostas estabelecidas pelo MEC e dos estudos de pensadores da educação. É a partir das primeiras idades que se pode formar o hábito de leitura e de apreciação de histórias diversas. Portanto, o trabalho do professor é essencial nessa etapa de ensino. Ele deve agir como leitor, ouvinte, inspirador e participante, estando aberto ao diálogo e à diversidade de alunos e de experiências trazidas pelos mesmos. A literatura, em sua diversidade, tem o papel essencial de ampliar os mundos da criança oportunizando novas aprendizagens através da imaginação, da ação, do diálogo, do conhecimento e da arte. Além disso, é preciso questionar o papel das novas tecnologias com relação à literatura, sobretudo, quando se sabe que a leitura literária demanda tempo, fato que se opõe à velocidade típica exigida pelos meios eletrônicos. Negar o mundo da literatura é negar a própria existência do ser. Eis, portanto, o papel relevante do envolvimento de todos em prol do incentivo à literatura e à leitura.

Palavras-chave: Literatura. Formação. Criança. Sociedade.

Abstract: This study aims to analyze the importance of literature in elementary school from a reflection on the proposals established by the MEC and the studies of education researchers. It is from the early ages that we can form the habit of reading and appreciation of several stories. The teacher's work is essential in this educational stage. He should act as a reader, listener, inspiring and participant, being open to dialogue and diversity of students and experience brought by them. The literature in all its diversity has the essential role to expand the children's worlds, providing opportunities for new learning through imagination, action, dialogue, knowledge and art. In addition, it is necessary to question the role of new technologies in relation to literature, especially when it is known that literary reading takes time as opposed to the typical speed of electronic media. To deny the literature's world is to deny the existence of human being. We see the relevant role of everyone's involvement in encouraging literature and reading.

Keywords: Literature. Formation. Children. Society.

“Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora. Endereço eletrônico: alexrezendeh@yahoo.com.br

em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, p. 191).

Introdução

Não se nasce leitor. Ler é um hábito que se constrói socialmente a partir da família ou por meio da escolarização, considerando sempre a importância da valorização da literatura em uma sociedade. É a partir das primeiras idades que começamos a ler, pois se faz uma leitura visual do mundo que nos cerca. Ler é uma habilidade fundamental para conhecer o mundo e se posicionar diante dele. É através da diversidade de leituras que nos percebemos enquanto seres sociais e autônomos. A leitura de textos literários soma-se às leituras do mundo, ampliando-se os conhecimentos e oportunizando novas vivências. Por isso, a literatura deve ser um direito inegável ao cidadão, pois é através dela que podemos nos enriquecer culturalmente, conhecendo-nos a nós mesmo e aos outros, construindo assim o respeito às diversidades e novas formas de ver o mundo a nossa volta, refletindo sobre os principais problemas que nos cercam.

Diante desse contexto, os textos aqui analisados contribuirão para se pensar as propostas do Ministério da Educação quanto à formação da criança e para que se reflita acerca da necessidade da afirmação e reorganização dessas propostas diante das novas estruturas sociais e diante do surgimento de novas tecnologias. As contribuições de pensadores da educação como Paulo Freire, Vânia Maria Resende, Bárbara Vasconcelos de Carvalho e Rildo Cosson serão também essenciais para se caminhar em direção da valorização do direito à literatura como bem cultural essencial à formação do cidadão.

Sabe-se que o número de leitores de textos literários no Brasil é bastante reduzido. Isso gera um círculo de formação cuja tendência é a desvalorização da literatura e da leitura em geral. Se a leitura é um hábito, ela precisa ser passada dos pais aos filhos, da sociedade à criança. No entanto, quando isso não ocorre o círculo de leitores tende a diminuir. Desse modo, o professor se torna o principal agente na construção de tal hábito, o que faz com que esse trabalho tão importante se reduza à sala de aula, a um ambiente historicamente ligado ao senso de obrigação, ou seja, um ambiente no qual o peso da leitura obrigatória pode trazer aspectos negativos para a relação entre a criança e a literatura e contribuir para que esta busque a tecnologia. Assim, ela se verá livre da obrigatoriedade da leitura e se atará a liberdade da comunicação e das leituras fáceis e superficiais oferecidas pelas redes sociais, por exemplo. Faz-se necessário repensar, nesse caso,

a forma de trabalhar a literatura junto ao aluno para seja desperto neste o desejo pela leitura, a curiosidade por novos conhecimentos.

Nota-se que este início de século traz a marca da instantaneidade. A tecnologia tem possibilitado cada vez mais a Globalização geográfica. Notícias do mundo inteiro circulam a uma velocidade impressionante. Leem-se informações vindas de todo o planeta a qualquer momento e em qualquer lugar. Contudo, nem todos participam ainda desse mundo globalizado. A tecnologia, proporcionada pela internet e por aparelhos de comunicação cada vez mais sofisticados, não chegou a todos os lares. Esse desnivelamento se acentua num país como o Brasil, que vive sob o signo da desigualdade social.

Diante de toda essa massa de informações visuais, estampadas pelas cidades, expostas pela televisão e que se amontoam pelos diversos sites da internet o leitor se perde e, como consequência, apresenta dificuldades em se concentrar na leitura de um texto literário que exige mais concentração e reflexão. A leitura silenciosa, sem links para outros textos e que exige participação atenta do leitor tem se tornada problemática.

Contudo, se bem usada, a tecnologia pode ser um meio de propagação dos textos literários e pode estar ao alcance de todos aqueles que tenham acesso à internet e que possuam um aparelho que possibilite tal leitura. É preciso, por isso, uma educação voltada para o uso da tecnologia. Mas antes disso é preciso haver uma educação que propicie uma leitura crítica do mundo. E a literatura pode ser a chave para se construir o hábito da leitura, e, acima de tudo, da leitura crítica e reflexiva.

Essa pesquisa pretende, portanto, trazer autores que se interessam pelo tema da literatura enquanto riqueza cultural, riqueza artística, conhecimento diverso e profundo da humanidade para dialogar com as políticas de educação vigentes no país. Além disso, pretende-se pensar e problematizar a situação da literatura na sociedade e na escola diante das tecnologias que prezam a velocidade.

A literatura na formação da criança

Por muitos séculos a escrita e a leitura eram privilégios de uma pequena parcela da população mundial. É a partir, sobretudo, da Revolução Industrial que se viu a necessidade de preparar uma mão de obra qualificada para o trabalho. A escola surge então para atender a necessidade de uma indústria nascente que precisava de indivíduos com um mínimo de alfabetização e qualificação.

Esse não foi o único fator que levou ao surgimento e à disseminação da escola. O controle das massas sociais, por parte da burguesia, se deu também através de uma ideologia veiculada pela instituição escolar. Tal controle foi necessário, do ponto de vista da burguesia, para se manter a ordem social, haja vista o crescimento desordenado das cidades. Muitas pessoas que viviam no campo, até então, migraram para a cidade em busca de oportunidades na indústria (LAJOLO, ZILBERMAN, 1991, p. 16, 17, 18).

Embora tenha surgido nessas condições, a escola tem um grande papel na sociedade. Várias mudanças ocorreram desde o século XVIII. A escola é, hoje, aberta a toda a sociedade. O processo de inclusão social trouxe vários benefícios para a população, todavia apresenta ainda muitos problemas. Algumas políticas mal elaboradas têm tornado a escola somente um espaço onde a criança permaneça por um longo período para que se possibilite aos pais trabalharem longas jornadas.

Além disso, o pouco investimento nas estruturas da escola, a falta de incentivos para a capacitação, por meio de uma formação continuada dos professores e a superlotação das salas de aula contribuem para que a sociedade não veja a importância da escola e não valorize o trabalho de professor como algo essencial para a formação do indivíduo.

A escolarização aberta a todos não foi, portanto, acompanhada por investimentos necessários à qualidade do ensino. É preciso reconhecer e insistir que a participação de todos na educação e na formação das crianças é fundamental; a tarefa não deve ser legada apenas aos professores, tendo em vista que a participação de pais e responsáveis é essencial para a boa formação da criança. De acordo com o artigo 1º da LDB “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 2010, p.7). Ou seja, a escola (os professores) não é a única responsável pela formação do indivíduo. Isso significa que para além da educação é preciso investimentos também em outras áreas que possibilitem o bem-estar social como a cultura, o lazer, a saúde etc. e que tenham como resultado a igualdade de oportunidades.

Das manifestações culturais citadas pela LDB, destacaremos a literatura, que acompanha o homem desde sempre. É através dela que podemos perceber as variações de estilo, de temas, de contextos ao longo dos tempos e mesmo a variação do próprio ser humano. Mas para que a literatura seja presença constante no dia a dia é preciso que políticas públicas sejam criadas e reforçadas de modo que o acesso a esse bem cultural não se limite a uma parcela privilegiada da sociedade.

A literatura infantil, reconhecida, hoje, como essencial na formação da criança, estava ligada durante o século XVIII aos processos de escolarização, momento em que acontece a Revolução Industrial. A marca principal daquela literatura era moralizar as crianças. Ela trazia consigo, além disso, a marca do capitalismo nascente, que visava formar crianças consumidoras de livros.

O grande desafio da escola, hoje, é desvincular a literatura do puro desejo de consumo estimulado pelo mercado capitalista e constituir o hábito de leitura na criança, valorizando as publicações que surgem num momento em que há grande número de textos literários voltado para o público infantil, muito embora, ainda distante do cotidiano de muitas dessas crianças, fato que é reforçado pelas desigualdades de acesso aos bens culturais. Se a LDB destaca a importância das manifestações culturais é preciso que haja também uma política que leve tais manifestações a todo cidadão e, principalmente, às crianças.

As mudanças vêm acontecendo e grande parte das escolas possui uma pequena biblioteca constituída de livros de literatura infantil. Cabe ao professor e a todo aquele envolvido no processo de ensino aproveitar-se desses livros para possibilitar à criança o conhecimento e a valorização da leitura, de modo que a literatura a desperte para outros saberes e outras realidades, ampliando seu conhecimento de mundo e a despertando para o conhecimento de si mesma e de sua história, dando a ela condições futuras de participar ativamente enquanto cidadão.

Restrita há alguns séculos à classe rica e escolarizada, a literatura está hoje ao alcance de todos. Muitas cidades, em todo o país, possuem suas bibliotecas públicas. A constatação negativa é que não houve políticas públicas que acompanhassem o aparecimento das bibliotecas. Elas estão se tornando espaços pouco utilizados e poucas são as pessoas que reconhecem a sua importância enquanto fonte de conhecimentos diversos. Iniciativas devem ser tomadas, tais como a promoção de visitas às bibliotecas, tornando-as um espaço onde as crianças se sintam confortáveis, onde possam ouvir histórias e aguçar suas imaginações, onde ela seja despertada para o imaginário bem como para o real e, por fim, onde ela possa se expor e expor seu mundo livremente.

A falta de hábito em relação à leitura é um fator negativo na sociedade brasileira. Em famílias menos favorecidas e, mesmo em casas de pessoas de classes mais ricas, pouco ou nenhum livro é adquirido ou tomado emprestado em bibliotecas públicas. Isso se deve à falta de campanhas em prol da leitura, não somente no ambiente escolar, mas na sociedade como um todo. As diversas mídias sociais e de informação poderiam contribuir enormemente em tais campanhas.

Há professores que também não têm o hábito de leitura e isso se torna bastante grave, já que em uma sociedade em que a família não incentiva a criança a ler, esse papel é passado para a escola, ou seja, para o professor. Assim sendo, o professor que não tem o hábito de leitura dificilmente conseguirá fazer com que a criança passe a ter esse hábito, além disso, ele não se sentirá seguro em trabalhar com a literatura, tendo em vista seu pouco conhecimento na área. Consequentemente, é preciso fazer valer o que propõe a LDB, no artigo 62, § 1º: “A União, o Distrito Federal, os estados e os municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério” (BRASIL, 2010, p. 46). Proporcionar cursos de formação inicial e continuada que capacitem os professores ao trabalho com a literatura é essencial para que se perceba as mudanças que ocorrem na estrutura social, no uso das novas tecnologias, que podem ser usadas em prol da educação, e nas produções literárias infantis que têm sido publicadas em maior número.

Restrita à escola, a literatura não encontra espaço adequado. A sociedade capitalista tende a ver nas ciências exatas as matérias mais importantes e necessárias à criança, haja vista o interesse na formação de mão de obra futura, ignorando, desse modo, as ciências humanas e, mais especificamente, a literatura. A mudança dessa visão distorcida deve partir de políticas públicas de incentivo à leitura e valorização das literaturas. Isso tem ocorrido gradualmente, mas lentamente, nas escolas. Por isso a importância de se capacitar o professor que será o agente responsável em despertar o interesse do aluno e fazer com que esse passe a ter o hábito da leitura e continue sendo um leitor futuramente. Mas é preciso estender esse trabalho de incentivo aos demais atores sociais, que são entidades essenciais na formação da criança e no exemplo a ser dado a ela.

O desafio do professor e da escola se torna ainda maior em uma época em que as pessoas se prendem muito às leituras rápidas e muitas vezes superficiais oferecidas pela internet, sem se aprofundar e sem se questionar sobre os assuntos históricos ou do cotidiano. Ao contrário de muitos dos textos da internet a leitura de um livro exige tempo, concentração, reflexão, julgamentos. E essa situação vai de encontro à velocidade exigida pela vida moderna. De acordo com Carvalho (1984):

A Literatura infantil é, ao mesmo tempo, recreação e terapia, suporte de cultura e o mais importante elemento de comunicação; mas, sobretudo, um instrumento de diálogo entre a criança e o adulto. Entretanto, a época que atravessamos revela uma assustadora crise de leitura, ou melhor, da boa leitura, entre as crianças e os jovens, por motivos óbvios: a ignorância dos pais que, muitas vezes, mesmo frequentando um alto nível social, não são sensíveis a certos valores; o pragmatismo imediatista que a criança imita inconscientemente; a supervalorização da tecnologia [...] e a sobrecarga imagística que o adulto, num alheamento de perspectiva crítica, despeja sobre a

criança, cerceando-lhe a capacidade imaginativa e o interesse pela linguagem verbal, quando já se impõe a prioridade da linguagem. (p.172)

Se na década de oitenta já se havia essa perspectiva com relação à literatura e a tecnologia, pode-se dizer que a tecnologia, hoje, não tem proporcionado um maior acesso à literatura e, pior que isso, ela afasta ainda mais o público dos grandes clássicos da literatura infantil. Por outro lado, se nos aliássemos à tecnologia, seja através de adaptações infantis, seja com o uso da imagem exibida através da tecnologia favorecendo a narrativa do professor e despertando o interesse da criança e, ainda, aproveitá-las na formação continuada do próprio professor e em campanhas de incentivo à leitura, o trabalho com a leitura e com a literatura ganhariam mais espaços.

A literatura infantil lida pelo professor à criança pode fazer com que ambos se habituem à leitura e ao diálogo com o outro, percebendo mundos e pontos de vistas diversos. E a literatura, se ensinada com prazer, pode fazer com que a criança se interesse por ela e se “desligue” do mundo superficial e imediato da tecnologia. É claro que o objetivo não é ignorar a tecnologia, pelo contrário, é fazer com que a partir da leitura/literatura, das suas reflexões, das suas realidades, dos mundos possíveis, a criança se torne mais consciente em relação ao uso da mesma e se torne, por conseguinte, um adulto mais consciente e mais apto às leituras ligadas à tecnologia. Reconhece-se assim que “[n]o exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção” (COSSON, 2007, p.17) A tecnologia das mídias sociais pouco desperta para as experiências proporcionadas pela literatura.

Quando não há um leitor que possa ser exemplo em casa, vê-se a necessidade de mudar o círculo de formação de leitores. Cabe à escola, às organizações sociais e ao poder público mudar esse círculo em que pais que não leem também não incentivam o hábito aos filhos. E assim, formando-se crianças leitoras e reconhecedoras da importância da literatura e incentivando-as ao longo de todo o processo de escolarização, teremos mais chances de torná-las adultos leitores que poderão incentivar, futuramente, seus filhos a lerem. Por isso, a importância, de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a educação infantil, do “acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética” (BRASIL, 1998, p.13, V. I). Esse acesso deve ser garantido a todas as crianças. E a literatura se insere nesse contexto através do imaginário desperto na criança.

Conhecendo essa realidade, o professor deve saber se aproveitar das experiências trazidas pela criança, dos conceitos e dos preconceitos ligados a sociedade em que ela vive. De acordo com Paulo Freire (1989):

Me parece indispensável, ao procurar falar de tal importância, dizer algo do momento mesmo em que me preparava para aqui estar hoje; dizer algo do processo em que me inseri enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (p.9)

“A leitura do mundo precede à leitura da palavra”, ou seja, é preciso conhecer o mundo que a criança traz para a escola, ampliando-o com o conhecimento de outros mundos. Portanto, “[o] corpo linguagem, o corpo palavra, o corpo escrita encontra na literatura seu mais perfeito exercício. [...] o dizer o mundo (re)construído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como uma prática fundamental para a constituição de um sujeito da escrita.” (COSSON, 2007, p. 16). Desse modo, é preciso garantir o total e irrestrito acesso aos bens culturais, a toda a diversidade cultural presente no Brasil, de acordo com o que prevê o Referencial Curricular Nacional.

É preciso, por conseguinte, “[...] que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno” (COSSON, 2007, p. 47-48). Essa seleção e adequação do material literário devem ser feitas pelo professor, que precisa estar consciente desse trabalho tão importante. Os primeiros contatos com a literatura oral ou mesmo com os livros devem despertar a curiosidade da criança fazendo com que esta se interesse por outros livros e outras histórias. O professor deve, além disso, saber reconhecer os limites e benefícios da tecnologia para que possa ser capaz de orientar também os alunos.

A importância do trabalho com a literatura se faz evidente na construção de uma sociedade leitora. A autora Resende (1993) cita algumas reflexões acerca do trabalho com a literatura: “O contato com os livros possibilita tocar a universalidade dos seres e da linguagem” (p.16). E ainda:

Ouvir histórias – sobretudo quando ainda não se lê a palavra – de livros ou a partir deles, inventadas pelos adultos ou adaptadas, alimenta a fantasia infantil. As crianças guardarão no seu imaginário as melhores imagens, que serão símbolos em repouso na memória, para interagirem com experiências futuras. (RESENDE, 1993, p.18)

Conversar sobre o que se vê, o que se ouve, o que se lê, o que se toca serve de motivação e introdução para se ampliar o repertório de leituras. Além disso, é essencial perceber que “[e]ssa linguagem – da arte e dos livros – tem o poder de gerar mais lucidez e maior resistência contra os riscos de uma dominação desumanizadora que se impõe como ordem social na realidade movida pelo pragmatismo materialista” (RESENDE, 1993, p.296). O espaço dado à leitura e à literatura é uma forma de ir contra ao materialismo comum em nossa sociedade. O consumismo de objetos obsoletos e descartáveis, que atraem tanto as crianças, vai de encontro com a literatura e todas as suas possibilidades já que apresenta como contraponto a característica de ser um bem durável e inalienável, são saberes e conhecimentos que serão relevantes por toda a vida.

Carvalho (1984) nos diz que é a partir da literatura que o homem se reconhece e é a partir dela que se constitui a “aventura do ser”. Aventura em todos os sentidos, seja através da possibilidade de pensar a história do homem, seja através da possibilidade de criar e (re)inventar a própria história através da ficção, através da imaginação:

A Literatura – Mitos, Estórias, Contos, Poesias, qualquer que seja a sua forma de expressão, é uma das mais nobres conquistas da humanidade: a conquista do próprio homem! É conhecer, transmitir e comunicar a *aventura do ser!* Só esta realidade pode oferecer-lhe a sua verdadeira dimensão. Só *esta aventura* pode permitir-lhe a ventura de certeza de *ser!* (CARVALHO, 1984, p.17)

A criança precisa dessa aventura para se formar e para se perceber no mundo. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (PCNIs) reconhecem a importância do acesso a toda forma de cultura considerando-a essencial para a formação do cidadão:

O ensino de qualidade que a sociedade demanda atualmente expressa-se aqui como a possibilidade de o sistema educacional vir a propor uma prática educativa adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da realidade brasileira, que considere os interesses e as motivações dos alunos e garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem. O exercício da cidadania exige o acesso de todos à totalidade dos recursos culturais relevantes para a intervenção e a participação responsável na vida social. O domínio da língua falada e escrita, os princípios da reflexão matemática, as coordenadas espaciais e temporais que organizam a percepção do mundo, os princípios da explicação científica, as condições de fruição da arte e das mensagens estéticas, domínios de saber

tradicionalmente presentes nas diferentes concepções do papel da educação no mundo democrático, até outras tantas exigências que se impõem no mundo contemporâneo. (BRASIL, 1997, p.27)

A autonomia do indivíduo passa pelo reconhecimento da diversidade social, da diversidade de condições de acesso à cultura e da diversidade de experiências de vida. E a literatura contribui para se perceber a diversidade brasileira e as várias realidades do país. É preciso, no entanto, salientar que as políticas públicas não têm contribuído e proporcionado esse acesso aos diversos recursos culturais mencionados acima. Além disso, muitas das políticas educacionais atuais vão num sentido contrário ao estabelecer incentivos à uma formação técnica como prioritária, com fins a atender o mercado de trabalho e a produção capitalista. Tal fato não seria grave se ao mesmo tempo fossem incentivadas o acesso a uma formação humana proporcionada pela diversidade cultural brasileira.

Ainda, de acordo com os PCNs, a criança precisa se ver inserida nas questões sociais marcantes do dia-a-dia: “[a] formação escolar deve propiciar o desenvolvimento de capacidades, de modo a favorecer a compreensão e a intervenção nos fenômenos sociais e culturais, assim como possibilitar aos alunos usufruir das manifestações culturais nacionais e universais” (BRASIL, 1997, p.33) E a literatura pode trazer ao aluno essas experiências diversas de que falam os Parâmetros, mas é preciso reforçar mais uma vez a necessidade de novas medidas que sejam eficazes para garantir a participação em tais “manifestações culturais nacionais e universais”. E nesse caso, se as escolas fossem equipadas com materiais tecnológicos atualizados essa participação e essa inserção num mundo cultural universal se faria com maior facilidade.

O professor é apontado, de acordo com PCNs, como agentes responsáveis por estabelecerem a interação da criança com as outras crianças, dessa com o mundo e com a realidade. Esse diálogo pode ser estabelecido através da literatura, com histórias que as envolvam e que apresentem a elas a diversidade de mundos e culturas:

A abordagem construtivista integra, num único esquema explicativo, questões relativas ao desenvolvimento individual e à pertinência cultural, à construção de conhecimentos e à interação social. Considera o desenvolvimento pessoal como o processo mediante o qual o ser humano assume a cultura do grupo social a que pertence. Processo no qual o desenvolvimento pessoal e a aprendizagem da experiência humana culturalmente organizada, ou seja, socialmente produzida e historicamente acumulada, não se excluem nem se confundem, mas interagem. (BRASIL, 1997, p.37-38)

Ainda de acordo com o Referencial curricular nacional para a educação infantil, “[a] criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização

familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico” (BRASIL, 1998, p.13, V. I). A literatura pode ajudá-lo a se situar nesse mundo histórico e social, trazendo os aspectos da constituição da própria sociedade em toda a sua variedade: a cultura negra, a indígena e a branca. A criança “[é] profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca” (p.13, V. I) Conhecendo e respeitando a diversidade social desde a infância, a criança pode se tornar um adulto agente e formador de uma consciência mais justa e igualitária.

Valorizar e ampliar o conhecimento de mundo da criança é essencial para a construção de sua autonomia e de sua identidade, além disso, o contato com a diversidade cultural, destacando-se aqui literatura, é de grande importância. A sugestão do Referencial é que haja atividades permanentes de rodas de histórias e de rodas de conversa (BRASIL, 1998, p.55, V. I). Essa necessidade de dar voz à criança vai a encontro dos estudos dos pesquisadores já mencionados nesse trabalho. Se, de início, a literatura é lida pelo professor e a história construída imaginativamente pela criança, é preciso deixar que ela expresse e exponha sua imaginação. É pelo diálogo que a criança se tornará participante do mundo que a cerca.

O Referencial aponta, também, para o fato de que é através da linguagem que

[...] o ser humano pode ter acesso a outras realidades sem passar, necessariamente, pela experiência concreta. Por exemplo, alguém que more no sul do Brasil pode saber coisas sobre a floresta ou povos da Amazônia sem que nunca tenha ido ao Amazonas, simplesmente se baseando em relatos de viajantes, ou em livros. Com esse recurso, a criança tem acesso a mundos distantes e imaginários. As histórias que compõem o repertório infantil tradicional são inesgotável fonte de informações culturais, as quais somam-se a sua vivência concreta. O Saci Pererê pode ser, por exemplo, uma personagem cujas aventuras façam parte da vida da criança sem que exista concretamente na realidade. (BRASIL, 1998, p.24-25, V. II)

O Referencial explicita, além disso, os objetivos relacionados à leitura para crianças de zero a três anos: “familiarizar-se aos poucos com a escrita por meio da participação em situações nas quais ela se faz necessária e do contato cotidiano com livros, revistas, histórias em quadrinhos etc.” (BRASIL, 1998, p.130, V. III). As histórias trazem ao conhecimento da criança a diversidade da formação cultural brasileira. Esses saberes podem contribuir para um maior respeito a essa mesma diversidade. A ignorância é que leva a intolerância.

Já os objetivos para as crianças de quatro a seis anos são os seguintes:

- familiarizar-se com a escrita por meio do manuseio de livros, revistas e outros portadores de texto e da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário;

- escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor;
- interessar-se por escrever palavras e textos ainda que não de forma convencional;
- reconhecer seu nome escrito, sabendo identificá-lo nas diversas situações do cotidiano;
- escolher os livros para ler e apreciar. (BRASIL, 1998, p.131, V.III)

O professor, além de ler para as crianças, pode organizar as seguintes situações de leitura para que elas próprias leiam, favorecendo assim as práticas de leitura, tais como, contar com um acervo de textos diversos e disponibilizá-los em estantes presentes em sala de aula, incluindo aí livros de literatura, histórias em quadrinhos, revistas, jornais etc. Pode propor momentos de leitura livre em que ele próprio leia um livro, servindo assim de exemplo e que comente sua leitura em seguida, abrindo espaço para o diálogo com as crianças. Deve deixar que as crianças manuseiem os livros e façam suas escolhas. O professor deve, ainda, possibilitar e incentivar que as crianças levem os livros para casa e que os comente com os familiares. Essa corrente de leitura pode despertar o interesse de outros leitores em seu círculo de convivência fora da escola.

Professores, pais e sociedade são, portanto, responsáveis pelo incentivo à leitura. A literatura tem um grande papel na história e na vida do ser humano. Ela amplia os conhecimentos de uma forma geral: conhecimentos de si mesmo e do outro, proporcionando desse modo o respeito à diversidade, o respeito às diversas culturas, o respeito às diferentes origens e às diferentes regiões e religiões do Brasil e do mundo. Ela nos mostra a realidade e nos abre também para outras possibilidades de realidades e para outras experiências, mostra os erros e acertos da humanidade. A literatura na Educação infantil e no Ensino Fundamental pode, assim, ser a base da formação de adultos mais conscientes e abertos ao mundo, capazes de mudar a si e ao outro numa busca constante pelo respeito, pela justiça, pela igualdade e pela paz.

Considerações finais

Lutar pelos direitos iguais é fundamental para se construir uma sociedade mais justa. E a cultura, destacando-se aqui a literatura, deve ser entendida como um direito fundamental. Um direito que deve estar presente na vida da criança desde uma idade mais tenra. É preciso que as políticas públicas se voltem para o incentivo à cultura e para que o acesso seja igualitário, estendido a todo cidadão.

Para tal objetivo, precisamos de uma sociedade mais consciente quanto à importância da leitura crítica e reflexiva. A formação sólida dos professores unida à formação continuada deve ser um objetivo de destaque para as políticas em educação, além do incentivo à docência,

profissão cada vez mais desvalorizada, o que acarreta uma diminuição do interesse pelos cursos de licenciatura. A própria tecnologia pode ser útil nessa formação. Ela também pode ser aliada na formação da criança. É preciso que se as eduque desde a infância, já que elas estão em contato desde os primeiros anos com tais tecnologias. Utilizá-las em benefício da educação pode contribuir para a formação de um adulto mais reflexivo quanto ao seu uso. Mas é preciso que as escolas sejam estruturadas de modo coerente com o que dispõem as propostas educacionais.

O professor, em uma sociedade de poucos leitores, pode reverter o ciclo de não-leitores para um ciclo de leitores habituados, em que pais incentivem os filhos e, esses ajudados pelos professores criem um hábito de leitura que não se perca ao longo da vida. Nesse sentido, a sociedade e o poder público, através de campanhas nas diversas mídias podem contribuir para a revalorização das leituras literárias e da cultura como um todo.

É conhecida a frase de Umberto Eco acerca da leitura dita ao *La Repubblica* em uma das suas últimas entrevistas: "Quem não lê, aos 70 anos terá vivido só uma vida. Quem lê, terá vivido 5 mil anos. A leitura é uma imortalidade de trás para frente". Isso significa que são amplos os benefícios da literatura, indo desde o conhecimento de si até a possibilidade de ser outro, estando em outro lugar e em outro tempo. Portanto, de acordo com o exposto, o estudo ora apresentado deve ser tema constante de trabalhos e pesquisas, como forma de propor uma nova visão acerca da importância da literatura e da leitura. É uma forma, também, de se repensar o ensino e as próprias políticas voltadas para a educação, formação e valorização do professor. Nesse sentido todos devem participar na formação da criança, oferecendo-lhe acesso aos diversos mundos proporcionados pelo livro.

Referências

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil* / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. V. I
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil* / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. V. II
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil* / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. V. III

- _____. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. *LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação. Edições Câmara, 2010.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. (pp. 169-191)
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 3ª Ed. – São Paulo: Global, 1984.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 1. Ed., 1. Reimpressão. – São Paulo: contexto, 2007.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)
- RESENDE, Vânia Maria. *Literatura infantil e juvenil: vivências de leitura e expressão criadora*. 1ª edição. – São Paulo: Editora Saraiva, 1993.

Chegou em: 11-02-2017

Acento em: 17-03-2017